

## AS RELAÇÕES INTERSECCIONAIS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO ROMANCE *ESSA GENTE, DE CHICO BUARQUE*

Priscila Borges de Novaes\*  
Adriana de Borges Gomes\*\*

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a analisar como História e Literatura dialogam no romance *Essa Gente* (2019), de Chico Buarque. Literatura e narrativa histórica caracterizam-se como formas eficazes de construção de memórias e identidades sociais, uma vez que a literatura pode ser considerada uma testemunha importante dos acontecimentos históricos, embora não tenha primordialmente o compromisso de retratá-los. Porém, ao optar por adicionar fatos históricos à sua narrativa, a literatura se configura como mais uma fonte de conhecimento acerca dos mesmos. Por outro lado, faz-se pertinente pontuar que a História também utiliza os recursos da subjetividade e da ficção para compor o fato histórico. O trabalho objetiva trazer problematizações da confluência e dos meandros que circundam Literatura e Ficção nesse romance buarquiano, observando como a narrativa ficcional de *Essa Gente* pode contribuir na compreensão da recente realidade política histórica-social brasileira. O aporte teórico-metodológico de pesquisa bibliográfica está fundamentado pelas obras de Roland Barthes (2004) e Hayden White (1991), dentre outros. Dessa forma, em decorrência dessas discussões, pode-se mensurar a uma leitura histórico-social da realidade brasileira sob a ótica deste relato ficcional de Chico Buarque, visto que, os relatos feitos no livro aludem às situações vivenciadas por grande parte da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** História. Literatura. Chico Buarque.

### INTRODUÇÃO

A literatura é uma manifestação artística basilar para inúmeros campos de estudos, a exemplo dos estudos literários, dos estudos sociológicos e dos estudos historiográficos. Essa maneira particular de observar a literatura em relação a outras áreas do conhecimento, é um campo profícuo das ciências humanas chamado de Literatura Comparada. Este trabalho se propõe a discutir os meandros da Literatura com a História, no romance *Essa Gente* (2019), de Chico Buarque, debruçando-se nos mecanismos de construção do discurso, utilizados pelo autor, para ficcionalizar certos aspectos, como os morais e políticos, da realidade brasileira atual. A motivação deste trabalho surgiu a partir do entendimento da “realidade” brasileira. A fim de esclarecer essas dúvidas serão trazidas algumas discussões a respeito da proximidade dos discursos históricos e literários.

Desde a Grécia Antiga há debates sobre os limites entre a História e a Literatura e eles têm fomentado diferentes opiniões. Aristóteles, em sua célebre obra *Poética*, observa a existência de duas formas básicas de narrativa: a histórica e a poética. Em sua visão, a narrativa poética consiste em uma realidade limitada pelo mundo físico e transportada para o mundo do possível: “não é obra de um poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer, e o que é possível acontecer, segundo o que é verossímil e necessário” (Aristóteles, 1990, p. 252), enquanto a narrativa histórica tem como objeto o fato, a chamada realidade concreta, a que pode ser verificada.

O polímata grego foi o primeiro a pensar a relação entre história e literatura como algo benéfico, ao contrário do seu mestre Platão, que enxergava a poesia como algo perigoso por tirar os homens da realidade, ele compreendia que cabia ao poeta organizar uma história possível (verossímil) que poderia, eventualmente, conter traços históricos. A mimesis seria

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia. E-mail priscilanovaesssa@hotmail.com

\*\* Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde leciona disciplinas de literaturas em língua espanhola e dedica-se à pesquisa em Estudos Literários e Culturais, Teóricos e Críticos da produção ficcional, poética, contística e romanesca em Língua Espanhola. E-mail: deborges@hotmail.com

então, a representação do que poderia ter acontecido, independentemente de sua relação com a realidade que estava posta. Com efeito, a mimesis é subordinada a uma própria coerência (interna) que convence ao leitor que o fato narrado é crível. Como podemos ver no trecho:

Daqui claramente se segue que o poeta deve ser mais fabulador que versificador; porque ele é poeta pela imitação e porque imita ações. E lhe aconteça fazer uso de sucessos reais, nem por isso deixa de ser poeta, pois nada impede que algumas das coisas que realmente acontecem sejam, por natureza, verossímeis e possíveis e, por isso mesmo, venha o poeta a ser o autor delas. (ARISTÓTELES, 1966, p. 79 *apud* GOBBI, 2004 p. 41)

No entanto, Aristóteles distinguia a História da Literatura, pois, segundo ele, cabia a história narrar os fatos que sucederam (sem preocupação com o verossímil) enquanto à literatura caberia criar narrativas verossímeis que revelassem “o ilusório do mundo em que vivemos, alcançando, assim, o universal pela mediação do particular. A ficção permitiria desvendar as aparências, levando o homem a conhecer as essências - assumindo, portanto, a “função” que Platão lhe negara” (GOBBI, 2004 p.40). Talvez, a grande contribuição de Aristóteles tenha sido estabelecer o discurso literário como um discurso válido e autorizar o poeta a usufruir dos elementos do real para criarem as suas narrativas.

Roland Barthes e Hayden White também se debruçaram nessas discussões. Em seu artigo *O discurso da História* (1967), Barthes arguiu se, de fato, existiria diferença entre o discurso literário e o discurso histórico e, se houvesse, em qual nível da enunciação ela deveria figurar. O autor foi além ao mostrar a “realidade”, com a qual a história lida, como uma mera ocorrência do discurso (que ele denominou de efeito do real) e não a realidade em si. Já Hayden White, em seu artigo intitulado *O fardo da História* (1966), questionou a ideia vigente na qual a História era imparcial e objetiva. Para ele, a historiografia tradicional se limitava engessar suas práticas para obter o status de ciência. Em seu artigo *Teoria literária e Escrita da História* (1974), o autor apontou que a História só é compreensível através da linguagem e nossa relação com ela está ligada ao discurso que temos sobre ela. Portanto, esse discurso é anterior ao que conhecemos como “história”. Nessa perspectiva, a história não é somente um objeto de estudo, mas “e até mesmo antes de tudo, um certo tipo de relação com o passado mediada por um tipo distinto de discurso escrito” (WHITE, 1991, p. 21). Sendo assim, é o modo de escrita e representação que caracteriza uma narração como histórica.

Para compreendermos melhor essa relação entre História e Literatura no romance *Essa Gente* (2019), faz-se necessário apresentarmos alguns aspectos da vida, de seu autor. Francisco Buarque de Holanda nasceu no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1944. Ele é o quarto dos sete filhos do historiador Sérgio Buarque de Holanda com a pianista Maria Amélia Alvim. Buarque já era um compositor consagrado pela crítica, quando se lançou na literatura. Têm como marcas o olhar atento sobre as questões políticas e sociais do país e a extrema habilidade no uso dos recursos da linguagem. Chico Buarque é um escritor que segue uma linha romanesca própria. Ele experimenta, aprimora, desconstrói e, sobretudo, denuncia. Seu mais recente livro, *Essa Gente* (2019), conta a história de Manuel Duarte, escritor renomado que passa por uma crise criativa. O protagonista do livro é um homem errático. Tem uma vida pessoal caótica, cheia de mulheres, bebidas, dívidas e, em meio a essa rotina, critica veladamente algumas práticas da sociedade carioca – que pode ser entendida como uma metonímia da sociedade brasileira – como a polarização política, o machismo, a hipocrisia, a intolerância religiosa, etc. Desse modo, o presente trabalho se justifica como uma possível fonte de pesquisa literária e histórica a respeito deste momento atual brasileiro.

## Literatura e história: opostas ou afins?

Faz-se importante pontuarmos que o texto literário, por sua essência, é histórico, pois o escritor é um ser posicionado e influenciado por uma época. Por isso, em qualquer análise literária, faz-se salutar considerarmos o contexto histórico da obra. Por outro lado, todo discurso histórico é narrativo, porque está subordinado à discursividade.

Barthes já indagava se “essa narração [histórica] difere realmente por algum traço específico, por uma pertinência indubitável da narração imaginária, tal como se pode encontrar na epopeia, no romance, no drama”. (BARTHES, 2004 p. 164). O autor se preocupou em compreender as condições que autorizavam os historiadores clássicos a designar seus discursos como históricos [se tinham a autoridade de ‘verdade’], pois para ele, a própria noção de fato histórico não dispõe de muita confiabilidade. Nietzsche já afirmava que não existia um fato em si. Na visão desse autor, era preciso criar um sentido para que se houvesse um fato. Barthes denominou essa perspectiva de *efeito do real*. O real assim, não passa de um significado não formulado, alojado na autoridade do referente. Nas palavras do próprio autor “o fato só pode ser entendido de maneira tautológica: o notado procede do notável, mas o notável não é senão aquilo que é digno de memória, isto é, digno de ser notado” (BARTHES, 2004, p. 176). Dessa forma, o fato é uma mera ocorrência linguística (dentro do discurso) entretanto, nossa visão sobre ele é sempre de que se trata do próprio “real” e não a sua cópia. O discurso histórico é fruto desse mecanismo. Como observamos:

Num primeiro momento (essa decomposição não é evidentemente, mais que metafórica) o referente é destacado do discurso, fica-lhe exterior, fundador, é considerado como regulador: é o tempo do *res gestae*, e o discurso se dá simplesmente como história *rerum gestarum*, mas num segundo momento, é o próprio significado que é rechaçado, confundido no referente; o referente entra em relação direta com o significante e o discurso, encarregado apenas de exprimir o real, acredita fazer a economia do termo fundamental das estruturas imaginárias que é o significado. (BARTHES, 2004, p. 177)

Portanto, o discurso histórico não funda o real, mas o significa ao atestar o que “aconteceu” e esse “atestado” é nada menos do que o “reverso significado de toda a narrativa histórica”. Sendo assim,

o prestígio do aconteceu tem uma importância e uma amplitude verdadeiramente históricas. Há um gosto de toda a nossa civilização pelo efeito de real, atestado pelo desenvolvimento de gêneros específicos como o romance realista, o diário íntimo, a fotografia... cujo único traço pertinente é precisamente significar que o evento representado realmente se deu. (BARTHES, 1968 p. 178)

Essas considerações, feitas por Barthes, questionaram a noção da História como um simples relato do passado. Para ele, o historiador criava uma narrativa para que seu conteúdo fosse entendido pelos leitores. Alguns anos após esses argumentos em *O discurso da História* (1966), Hayden White causou alvoroço no meio acadêmico, ao retomar sua ideia trazendo à tona as similaridades dos discursos literários e históricos e reafirmando o caráter narrativo da História. No entanto, as opiniões de White, comparadas às de Barthes, causaram maior desconforto no meio acadêmico. É importante pontuarmos que tais ideias não visavam diminuir a importância da História tampouco descredibilizar o ofício do historiador, mas sim mostrar o discurso histórico para além do binarismo aconteceu e não aconteceu. Esse tipo discursivo também é dotado de ficções, interpretações e visões de mundo e isso, de maneira alguma, se configura um demérito, ao contrário, somente reafirma as complexidades dessa forma de exposição. Para White, o principal objetivo da historiografia, independentemente de quais

recursos utilize ou de que maneira se apresente, é proporcionar aos leitores ter a compreensão de seus lugares na história e assim, se libertarem de seus fardos.

A partir dessas colocações, ao lermos o livro *Essa Gente* (2019), percebemos a intenção do autor, Chico Buarque, em compor a história do romance elencada aos acontecimentos recentes do país, possibilitando, ao leitor, entrar em contato com ambas as narrativas (histórica e literária), como no exemplo:

Como a Maria Clara não atende às minhas ligações, ainda o distraio com um dos meus velhos romances estocados, que ele destroça em menos de cinco minutos. Deve estar faminto, pois agora abocanha o jornal no chão do banheiro e começa a mastigar notícias: soldados disparam oitenta tiros contra carro de família e matam músico negro. (BUARQUE 2019 p. 87)

Quem acompanhou minimamente os noticiários brasileiros recentes se lembrará do episódio no qual uma família, dentro de um carro, foi alvejada por militares do exército, ao serem confundidos com assaltantes que haviam furtado um automóvel momentos antes. Além do condutor do veículo, um morador de rua, que tentou socorrer o motorista, também foi assassinado<sup>1</sup>. Ao nos depararmos com esse episódio, no romance, somos “trazidos de volta” ao contexto social brasileiro e às suas injustiças. Nessa desigual sociedade brasileira, o fenótipo determina se a morte será precoce ou não, e quais privilégios o sujeito será privado ou terá acesso. Não temos a pretensão de afirmar categoricamente qual foi a intenção de Buarque ao trazer esse e outros relatos para o livro, mas tomando por base de que todo discurso histórico é um produto da linguagem e que a mesma “já é carregada de conteúdos figurativos, tropológicos e genéricos antes de ser atualizada numa enunciação qualquer” (WHITE, 1991, p. 04). Podemos entender que ao utilizar esses elementos tão próximos de eventos recentes, o texto evidencia que em sua composição, há tanto elementos literários quanto elementos históricos, visto que o discurso histórico não é o retrato fiel da realidade e nem tem a pretensão de responder definitivamente às questões do passado.

O discurso histórico é menos a combinação de uma imagem ou modelo com alguma “realidade” extrínseca do que a feitura de uma imagem verbal, uma “coisa” discursiva que interfere na nossa percepção de seu referente putativo menos enquanto fixa nossa atenção nele e o ilumina (WHITE, 1991, p. 05)

O discurso histórico é metafórico, por isso deve ser entendido como pertencente a ordem da “fala figurativa tanto quanto às ordens das falas literal e técnica, simbólico que esconde significados e intenções e só revela algumas coisas sobre o mundo ao preço de esconder outras tantas” (WHITE 1991, p. 10). No trecho a seguir, também observamos a atuação de elementos figurativos para aludir à realidade:

Devo ademais te confessar que sinto falta de um amigo com quem partilhar meu inconformismo em relação ao que estão fazendo com nosso país. Será que ainda teremos nossa correspondência violada? Será que ainda incendiarão os nossos livros? A propósito, mantenho intacto teu escritório, queda imóvel a estante giratória com os dicionários e as gramáticas que seguramente têm-te feito falta. (BUARQUE 2019, p. 35)

Há indícios, na fala da personagem, que nos permitem compreender que o seu temor é a volta do Regime Militar no país. Os termos “correspondência violada”, “incendiarão nossos livros” nos remetem a algumas das atrocidades que foram cometidas entre os anos de 1964 e 1985. Nesses “anos de chumbo”, estima-se, de acordo com a Comissão Nacional da Verdade

(CNV, 2014), que 434 pessoas foram mortas ou estão desaparecidas por conta da oposição ao Regime. Além disso, houve censura de toda ordem, muitas pessoas foram exiladas outras tantas foram torturadas etc. Porém, essa página infeliz da nossa história que parecia estar ancorada num passado mais distante, não está tão desbotada da memória assim. Recentemente, houve protestos feitos por grupos ligados à extrema direita, pedindo outra intervenção militar no país<sup>2</sup>.

Buarque captou esse medo e colocou, de modo perspicaz, em sua trama. O didatismo histórico tradicional foi preterido às metáforas e alusões. Esses recursos corroboram com a visão de White sobre a narrativa histórica não ser uma mera reprodução dos acontecimentos que ela relata, mas sobretudo um “complexo de símbolos que nos fornece direções para encontrar um ícone da estrutura desses acontecimentos em nossa tradição literária” (WHITE 1991 p. 117). Portanto, cabe ao historiador (ou ao escritor) nos familiarizar novamente com os acontecimentos que foram esquecidos ou renegados.

Como afirma (WHITE, 1991, p.114) “a narrativa histórica não reproduz os eventos que descreve; ela nos diz a direção em que devemos pensar acerca dos acontecimentos e carrega o nosso pensamento sobre os eventos de valências emocionais diferentes”. Assim, a história é sempre metafórica: ela não “imagina as coisas que indica: ela traz a mente imagens das coisas que indica” (WHITE, 1991, p.115). Os eventos não são os únicos objetos de seu interesse, mas também as relações possíveis e as variadas interpretações sobre esses eventos a interessam. Portanto, a partir das considerações feitas por Barthes e White acerca dos discursos históricos e literários, podemos considerar o romance *Essa Gente* (2019), de Chico Buarque, como uma narrativa histórica, seja pelas estratégias discursivas que utiliza, seja pelos eventos históricos que objetiva contar.

### **A crise política em *Essa gente***

O título, escolhido por Buarque para o romance, já suscita variadas interpretações. Podemos entender como uma subversão da expressão tradicionalmente utilizada pela classe média brasileira ao se referir às classes mais pobres “essa gente precisa ter educação” ou “essa gente precisa parar de ter filhos”. Mais recentemente tem havido um deslocamento do sentido do termo usado agora, pelas classes populares, para designar as elites “essa gente tem que entender que nosso lugar é onde a gente quiser” “essa gente não quer perder os privilégios” ou ainda podemos compreender como uma ironia ao termo “brava gente”, utilizado como uma alcunha do povo brasileiro, inclusive presente no Hino à Independência. Não temos como precisar qual foi a intenção do autor, mas observamos que a narrativa trata dessas tantas gentes brasileiras e suas questões morais, políticas e sociais. O autor descreve a sociedade brasileira e a sua condição. Dessa perspectiva, sua obra se assemelha a outras como *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Ela funciona como um “refratário”. Ao lermos constatamos: somos assim.

A crise política que nos assola não é um fenômeno inédito. As ideologias divergentes sempre fizeram parte da história do Brasil. No entanto, essa atual polarização, é fruto da grande crise político-econômica de 2013. As grandes manifestações populares (alcunhadas de “o gigante acordou”), lideradas pelos jovens de esquerda, despertaram em grande parte da população brasileira, o desejo de externar seus pensamentos e descontentamentos sobre a política nacional. As pessoas foram às ruas (muitos universitários, pertencentes a grupos minoritários) externar seus descontentamentos em relação a toda estrutura estatal excludente e opressora. Em um trecho do seu livro *Amanhã vai ser maior* (2019), a antropóloga Rosana Pinheiro Machado, a partir das considerações feitas pela filósofa Tatiana Roque, argumenta que

Um dos grandes erros do PT foi ter condenado a multidão que foi para as ruas pedir por mais democracia. Essa multidão crítica seria o mais bem-acabado produto do ciclo

petista. Ao invés de abraçar e acolher seu filho rebelde, a escolha política do PT foi a negação: os manifestantes eram coxinhas; a nova classe C, ingrata. (PINHEIRO-MACHADO 2019, p. 30)

Seria ingenuidade acreditarmos que a desestabilização do governo se deu somente por causa das manifestações. A direita no Brasil já projetava, há anos, o retorno ao poder. Aliás, a ala contrária ao governo, viu nessas manifestações a oportunidade de que precisavam e, com a colaboração da mídia, as transformaram em um espetáculo. O consequente impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, acirrou ainda mais a dicotomia esquerda versus direita. Em 2018, o então candidato de direita Jair Bolsonaro foi eleito. Contrariando a expectativa, de alguns, para uma possível relação conciliadora, o que se viu foram discursos inflamados sobre temas como armamento, família, meio ambiente e liberalismo econômico. Buarque foi eficaz ao captar esses sentimentos e transpor em sua narrativa. O relato do personagem principal ilustra essa visão.

Reviro os livros de alto a baixo, e atrás do Macbeth, à altura dos olhos de Maria Clara está o maldito revólver, que apanho com a ponta dos dedos... O revólver não cabe no bolso raso do meu moletom.... Na calçada estreita e escura, sigo meu caminho com o revólver na mão, sem perigo de topar com pedestres a esta hora da madrugada. Sinto-me invisível até que o segurança da casa do cônsul japonês me saúda: - É isso aí, mestre! Tem que acabar com a raça desses bandidos! O vozeirão ecoa, e logo surgem vultos nas janelas, gente que ergue o polegar e aclama: \_\_. Estamos juntos, guerreiro! Contamos contigo, campeão! (BUARQUE 2019 p. 103-104)

Vislumbra-se aqui a visão armamentista incitada pelo atual governo. Contraditoriamente, essa opinião parece destoar da noção do Estado Soberano, já que a inoperância Estatal, e de suas instituições, fica evidente na visão de que o “cidadão de bem” precisa se defender sozinho (então, seguindo essa lógica, não deveria ter sentido o país gastar milhões com as forças armadas).

Os relatos buarquianos, feitos sem emitir uma opinião aparente, fazem com que cada leitor enxergue a situação de acordo com seus valores morais. Barthes, em *O discurso da História* (1966) afirma que mesmo quando o historiador se ausenta, (aparentemente) do discurso, ao escrever de maneira objetiva, ele está presente (não como pessoa passional e sim como pessoa objetiva). Essa “ilusão referencial” objetiva deixar “o referente falar por si só” (BARTHES, 2004 p.169). A narrativa histórica é ideológica porque cada historiador ou escritor utiliza a imaginação para preencher os vazios da própria narrativa. Como vemos:

[...] Dou risada, mostro como também guardo o pinto do lado contrário, mas aí fico sabendo que zoam o menino por ser filho de comunistas. Mesmo a namoradinha, que pegou várias vezes na sua piroca sem achar ruim, o trocou por um colega de turma ao saber que meu filho nunca foi à Disney. Digo que isso é um absurdo, comunismo nem existe mais, fora que já lhe prometi uma viagem às praias da Califórnia. Esses fedelhos repetem qualquer merda que ouvem em casa, mas se meu filho quiser, posso comparecer à próxima reunião de pais e professores com uma camisa da Seleção Brasileira. O menino, no entanto, tenciona se transferir para uma escola pública na favela, onde ninguém o recriminará por ter genes de comunista. Desta vez quem ri é a Rebekka, pois na favela, a começar pelo Agenor, comunista e bandido é tudo a mesma coisa. (BUARQUE, 2019 p. 164)

Percebemos aqui a ignorância e a desinformação, tão comuns atualmente, sendo retratados na trama. Os deslizos de sentido de termos como “comunista”, “genocídio”, “fascismo” se propagam levemente através das mídias sociais. Certos símbolos nacionais, como a camisa da Seleção Brasileira, são reivindicados por um grupo ideológico. Certos discursos também. Parte dessa convulsão política, retratada no romance, parece estar longe do

fim. A narrativa de Buarque não aponta caminhos e nem soluções. Simplesmente escancara quem somos.

No entanto, não podemos afirmar que todos os discursos históricos são ficções literárias, mas tanto as narrativas históricas quanto as literárias são produtos da linguagem. Ademais, os discursos históricos colocados em forma de narrativa não podem ser taxados de menos confiáveis, imaginários ou ficcionistas, pensar assim, como afirma (WHITE, 1991 p.19) “é ceder a um tipo de pensamento que resulta na crença na mágica contagiosa ou na culpa por associação”. Se tanto a ficção literária quanto a historiografia recorrem à narrativa é porque os mecanismos da linguagem permitem. Portanto, dentre do que foi argumentado no presente trabalho, podemos alçar o romance *Essa Gente* (2019), de Chico Buarque como uma fonte de conhecimento histórico.

### **Considerações Finais**

A partir das considerações expostas no presente trabalho, compreendemos que tanto a História quanto a Literatura recorrem às estruturas da narrativa para se fazerem entender. A observação de que o historiador produz narrativas provisórias e incompletas dos acontecimentos históricos ainda causa desconforto nas ciências humanas. Na realidade, termos como narrativa e ficção soam como oposições aos termos como história e fatos. Com efeito, o uso dos artifícios narrativos, pelo historiador, não descredibiliza o discurso histórico, mas sim traz à luz a preocupação do historiador em ser compreendido.

Apenas, são as técnicas que o historiador utiliza para moldar a estória em história a ponto de que todos possam compreendê-la e identificá-la como tal. Desse modo, o evento por si só, não determina como a história será contada, já que um mesmo evento pode servir de base tanto para uma estória trágica ou cômica. O que as diferencia são as escolhas feitas pelo historiador das estruturas de enredo (a forma como a história é colocada). Roland Barthes afirmava que tal preocupação seria maior do que a busca pelo real.

No livro *Essa gente* (2019), de Chico Buarque, percebemos que o autor utiliza vários acontecimentos históricos recentes para compor a seu romance. Entendemos que este artifício, de acordo com os aportes teóricos de White e Barthes, coloca a sua obra num rol de narrativas históricas, já que toda história surge das impressões, subordinações, expansões, estratégias discursivas e outros recursos utilizados pelo historiador para contá-la. A estrutura de narrativa auxilia no processo explicativo, sem o qual, a História, possivelmente, não existiria.

### **THE INTERSECTIONAL RELATIONS BETWEEN LITERATURE AND HISTORY IN THE NOVEL *ESSA GENTE*, BY CHICO BUARQUE**

**ABSTRACT:** This article aims to analyze how History and Literature dialogue in the novel *Essa Gente* (2019), by Chico Buarque. Literature and historical narrative are characterized as effective ways of building memories and social identities, since literature can be considered an important witness of historical events, although it is not primarily committed to portraying them. However, by choosing to add historical facts to its narrative, literature is configured as another source of knowledge about them. On the other hand, it is pertinent to point out that History also uses the resources of subjectivity and fiction to compose the historical fact. The work aims to bring up problematizations of the confluence and the meanders that surround Literature and fiction in this Buarquian novel, observing how the fictional narrative of *Essa Gente*, can contribute to the understanding of the recent Brazilian social-historical political reality. The theoretical-methodological contribution of bibliographic research is based on the works of Roland Barthes (2004) and Hayden White (1991), among others. Thus, as a result of these discussions, one can measure a historical-social reading of Brazilian reality from the perspective of this fictional account by Chico Buarque, since the reports made in the book allude to situations experienced by a large part of Brazilian society.

**Keywords:** History. Literature. Chico Buarque.

---

<sup>1</sup> O carro de uma família foi fuzilado pelo Exército no Rio de Janeiro na tarde deste domingo (7). O músico Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos, morreu e outras duas pessoas ficaram feridas na ação. De acordo com o delegado Leonardo Salgado, da Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro, "tudo indica" que os militares do Exército atiraram ao confundirem o carro com o de assaltantes. O veículo foi atingido por mais de 80 disparos, segundo a perícia. *Jornal O Globo* 08/04/2019.

<sup>2</sup> Manifestantes se reuniram em São Paulo na tarde deste sábado (22), na Praça da República, para realizar uma nova versão da "A Marcha da Família com Deus pela Liberdade". O grupo pretende lembrar a marcha anticomunista e de apoio ao golpe militar realizada há 50 anos em 19 de março de 1964. Fonte: G1 22/03/2014.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ediouro, 1990.

BARTHES, Roland. O discurso da História. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade*. Relatório. Volume I. Brasília: CNV, 2014. 976p.

BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica*. UNESP, 2004.

O GLOBO. Homem morre após ser baleado em ação do Exército. Disponível em: Homem morre após ser baleado em ação do Exército na Zona Oeste do Rio | Rio de Janeiro | G1 (globo.com)

O GLOBO. Nova versão da Marcha da Família. Disponível em: G1 - Nova versão da Marcha da Família percorre ruas do Centro de SP - notícias em São Paulo (globo.com)

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

WHITE, Hayden. O fardo da História. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1991.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1994.

**Data de submissão: 30/09/2022**

**Data de aceite: 18/11/2022**